

A SAUDADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ.

Vol. III,

Domingo 31 de Agosto de 1856.

N. 1.

INTRODUCCÃO.

Aos nossos assignantes.

A *Saudade*, contando já um anno de existencia, vai principiar o seu terceiro semestre.

N'um paiz, como o Brasil, onde os jornaes apparecem e desaparecem, como uma nuvem no horizonte, a continuação d'esta folha é a prova mais evidente de que ella tem sido bem acolhida do publico.

Costumam todos os jornaes, logo que teem, bem ou mal satisfeito aquillo a que se obrigaram para com seus assignantes, apparecer com mil promessas de melhoramentos, capazes de regenerar a republica litteraria, nós porém, nada promettemos.

Os escriptores, que teem já uma reputação formada, não teem querido vir tomar parte n'este nosso banquete moral de litteratura; e nós baldos de forças para escrevermos um jornal de primeira ordem, continuaremos como até aqui a fazer apparecer alguns talentos precoces, que a não sermos nós, talvez vivessem na obscuridade. Todos poderão enviar-nos seus artigos na certeza de serem publicados, depois de sujeitos á redacção.

Continuando a *Saudade* a ser a tribuna d'onde poderão ser ouvidas as vozes de uma classe de homens até aqui tidos como maquinas de trabalho, todos lá poderão apresentar o fructo de suas locubrações, e dest'arte a *Saudade* dará

um solemne desmentido áquelles que maldizem da classe caixeiral.

Só com o apoio de tão briosa classe, a *Saudade* poderia atravessar, como atravessou, por entre numerosos escolhos e chegar ovante onde tinha promettido; assim como o fragil batel, zombando das encapelladas vagas, segue seu rumo e aporta a salvamento onde seu piloto o desejara.

Asseguramos aos nossos assignantes, que as difficuldades, com que lutamos o semestre passado, todas estão vencidas. Estão dadas as necessarias providencias para que não continue a irregularidade na entrega da folha, sem duvida de todas a mais grave falta que temos commettido.

Continuará pois a *Saudade* a ser publicada regularmente, para o que envidaremos todos os possiveis esforços, afim de que os nossos assignantes não tenham de que arguir-nos, como bem a nosso pezar até aqui acontecera.

Faremos quanto nossos debeis conhecimentos o permittirem, para proporcionarmos aos nossos assignantes algumas horas de agradavel leitura, e para isto contamos com a collaboração de jovens esperançosos e intelligentes, alguns dos quaes já são conhecidos.

A religião catholica, que professamos, será escrupulosamente acatada.

Nenhuma palavra que possa offender o decoro e as leis da civilisação, manchará as paginas d'este jornal.

Eis o que promettemos.

A REDACÇÃO.

Relatorio

APRESENTADO EM ASSEMBLÉA GERAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ EM 21 DE AGOSTO DE 1886 POR SEU PRESIDENTE, JOSÉ ANTONIO DOS SANTOS CORTIÇO.

Senhores :—Dos estatutos que regem o Gremio Litterario Portuguez, é o 15º artigo concebido nestes termos : « O presidente fica obrigado a apresentar, no fim do tempo designado no art. 21, um relatorio circumstanciado do estado do Gremio, cujas contas serão sujeitas ao exame de uma commissão, eleita para esse fim. » E tendo expirado o prazo designado no art. 21, venho cumprir o que me prescreve o supracitado artigo apresentando-vos os algarismos que demonstram seu estado ; e, ainda que em resumo, a historia do que de mais notavel occorreu durante a minha presidencia. Permitti-me, porém, que antes de entrar nessa materia, vos faça algumas breves considerações.

Se ha uma occasião em que a honra que resulta de uma eleição deve ser nobremente apreciada, é de certo quando os que nos conferem tal honra são de um povo que possui os mais elevados instinctos, são de uma idade que acalenta os mais generosos sentimentos, são emfim de um quilate de espirito que não encontra limites em seu desenvolvimento ; e então, exaltados a nossos proprios olhos pela honra que recebemos desses sublimes instinctos, sentimos bater-nos o coração com dobrada força cedendo ao impulso de um verdadeiro reconhecimento. Tal foi a reflexão que primeiro fiz ao receber a muito honrosa e immerita nomeação que de mim fizestes para vosso presidente ; grandes eram as obrigações que dahi me resultavam e fraecas as forças que possuia para as cumprir. Outro talvez mais prudente, reflectido e conscio de sua fraqueza, se houvesse denegado a acceitar tão ardua missão ; porém, uma aspiração que em mim sempre permaneceu desde os mais verdes annos, me fez tomar uma resolução contraria ; quiz eu, humilde soldado da civilização, lidador sem forças em batalha de gigantes vir tambem, presidindo por um momento a um centro de acção, dar um tenue impulso a esse carro estrepitoso, que fugindo por um trilho desconhecido, conduz a pós si os que o impellem para regiões successivamente esplendidas !

E', senhores, o progresso a nossa meta, assim como a de todas as associações que teem mais altos interesses do que os do homem materialista, mais altas vistas do que o egoista que tudo sacrifica ás circumstancias do momento ; e para nós sob dous aspectos se apresenta elle radioso, entre as nuvens douradas do porvir : progresso individual e progresso nacional.

Filhos do povo, alimentados com seu parco

sustento, educados com suas rudes maximas, destinadas ás profissões mechanicas de nossos pais, foi uma educação limitada que dirigio nossos primeiros annos ; mas ao pisarmos na terra Americana, neste solo que evapora todos os preconceitos, que serve de fecundador a todas as liberdades, quizemos casar as naturaes aspirações de nossas almas, com uma condigna applicação de suas faculdades. Que meio mais effizaz para obter o duplo resultado do desenvolvimento de espirito e da aquisição de habilitações, para as elevadas condições sociaes, do que as lutas da intelligencia que este florente estadio nos offerece ? !

Se já vimos quanto a nossa instituição pôde ser util ao progresso individual, menos difficil nos será penetrar as consequencias que a tornão cooperadora do progresso nacional. Quantos de nós obscuros hoje, elevados por um lance da sorte, teremos á manhã abertas a nossos passos, com as chaves da illustração e da fortuna, as veredas que conduzem ás hierarchias elevadas e aos prazeres nobres da opulencia sensata ? E não voltaremos então a visitar nossa primeira patria ; primeira porque a Terra de Santa Cruz tambem é nossa segunda patria de adopção, como irmã primogenita que acolhe os tenros filhos daquella exausta matrona que lhe deu o ser ? E então, se a par de nossa fortuna, a podermos coadjuvar com os dotes da intelligencia, não nos tornaremos cidadãos prestimosos, factores de seu engrandecimento ? Calculai bem, senhores, a força que dá a illustração á fortuna pecuniaria ; é como o vapor que anima, faz gyrar, applica em mil sentidos diversos o machinismo de ferro, que a si só deixado é lento de mover, difficil de manobrar, limitado em suas applicações.

DISCUSSÕES DO GREMIO.

Se durante o tempo que tive a honra de presidir á nossas sessões, não se seguiu uma ordem perfeita e consequente em nossos trabalhos ; se todas as materias que se submeteram a discussão, não foram de acertadissima escolha, para nossas imaginações ardentes e talvez ainda immoderadas ; se as diversas tendencias naturaes dos membros que entre nós se distinguem, não foram perfeitamente aproveitadas ; comtudo—seria injustiça nega-lo—nas discussões que em nosso Gremio tem havido, bastantes largas se tem dado ao pensamento, bastante se tem herborisado no jardim da sciencia ; e aquelles que entre nós nasceram para brilhar á luz do dia social, tem percorrido rapidamente a passagem que vai do estado inculto, para as manifestações de uma vida estudiosa.

(Continúa.)

LITTERATURA.

Paginas Intimas.

I.

AOS INCREDULOS.

A recordação dessas longas horas da doce melancolia, em que minha penna, girando rapida sobre o papel, imprimia os meus mais caros e infimos pensamentos, levou-me a conservar um titulo que estimo bastante, porque traduz os desejos que por ventura possa alimentar. Esta pagina e as que se lhe seguirem são o resultado de alguns momentos de ocio, e que prefiro consagrar á *Saudade*, por que como o disse já, a *Saudade*, representa uma mocidade avida de inspirações. Embora alguns espiritos *retrogrados* encherguem nos seus esforços loucos desejos que se não podem realisar, a experiencia tem mostrado que nem sempre esses esforços deixam de ser coroados de um exito mais ou menos feliz. E o que não temos nós conseguido ?!

Ha um anno que appareceu a *Saudade*. Os incredulos duvidaram da existencia que lhe promettiam, e, fiados em certos precedentes, contavam que ella tivesse a sorte de quasi todos os jornaes litterarios desta capital.

Enganaram-se.

Seis mezes depois de seu apparecimento, e sabendo-se que ella proseguia em sua publicação, os incredulos do passado, e os do presente, fizeram *choro*, decidiram em seu alto conceito que a *Saudade*, menina apenas com seis mezes de existencia, morreria a mingua de alimentos.

Ainda desta vez os incredulos passados e presentes tiveram de recuar e não obstante os sacrificios que a filha querida nos custou, ella foi crescendo, crescendo até poder andar por seu pé, balbuciando com graça infinita — *papai, quero doce!* . . .

Sucedeu que muitos reclamaram a paternidade, e, em conclusão, a *menina* teve immediatamente uma duzia de *pais*, que a um tempo lhe satisfizeram o seu capricho dando-lhe o *doce* preciso para se sustentar, sem auxilio de *ama*, seis longos mezes. Como porém alguns romanticos e poeticos achassem que o nome de menina importava o respeito devido ao bello sexo, entenderam que a *Saudade* não era mais que um modesto jardimzinho composto de flôres simples e sem aroma, as quaes podem encantar unicamente pela côr.

Deste numero sou eu.

Cultor acerrimo desse pequeno jardim, tenho plantado as mais modestas dessas flores, e conseqüi com bastante custo, adornal-o de algumas

pequenas plantas, que o tempo fará crescer e embellezar.

Seria imprudente se não declarasse desde já, que me reputo orgulhoso da minha obra, e daria de bom grado o que me possa pertencer da herança paterna, para fazer acreditar que trabalhei pela classe a que pertença, pois que desejo velar na altura a que tem direito.

Se algum representante das idéas *retrogradas*, em que tive occasião de fallar já, puder alcançar o que temos alcançado em tão pouco tempo, dou licença que me chame tolo. E se tambem algum *Aristharco* encoberto entender que a nossa obra merece censura, peço um voto de agradecimento para todos aquelles que o appellidarem de *egoista*.....

O futuro é nosso ; trabalhemos todos em common ; façamos do nosso modesto jardim uma obra gigantesca. Vinde, mancebos nobres e intelligentes, vinde ajudar-nos a plantar essas arvores immensas que a mão do tempo não póde derrubar. Repelli com desdem a capa de nullidades que as circumstancias vos forçaram a tomar, e fazei em torno de nós um circulo compacto, onde não possam penetrar essas aves agoureiras que nos ameaçam com o seu funebre *grunhido*. Queremos flôres para nos encantarem com seus embriagantes perfumes ; queremos passarinhos que nos suspendam com seu canto doce e mavioso ; queremos, em fim, esses cantos altivos e imponentes, que transportam, que arrebatam ! No meio de tudo isto olharemos para o passado, veremos a estrada que pisamos, coberta das mimosas filhas da terra ; a variedade das côres e dos perfumes compensará o muito que tivermos feito!

Fallo uma linguagem nascida do coração ; dirijo-me a vós com essa confiança filha da mocidade e que faz calar qualquer sentimento menos lisongeiro ; estou tão resolvido a acompanhar-vos, que de antemão esqueço os obstaculos que se nos antepozarem. Faço talvez o sacrificio de alguns sorrisos dos *crecos* modernos, mas Deos dotou-me de um natural pouco propenso á ambição, e desde já faço sacrificio *nas aras do Deos Vulcano*.

Rio 3 de agosto de 1856.

XAVIER PINTO.

Mathilde.

POR A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

(Continuação.)

POBRE LUIZA.

No momento, em que Domingos acabava de fallar, ouviu-se um assobio afastado.

Lourenço estremeceu, e olhou para o preto.

Este, que não perdia nenhum dos seus movimentos, respondeu áquelle signal com outro assobio prolongado.

Os olhos de Lourenço brilharam de um fulgor sinistro.

— Que fizeste, desgraçado! exclamou elle.

— O que o senhor faria, se eu não estivesse presente.

— Sabes o que quer dizer aquelle assobio?

— Não.

— Aquelle signal quer dizer que antes de dous minutos...

Não acabou, Lourenço que esperava desfazer-se do preto, tirou com um movimento rapido uma pistola do bolso, e disparou.

Domingos não se moveu uma linha, contentou-se em inclinar o corpo para a esquerda, e a balla roçou pelas abas do chapéo. Precipitar-se sobre Lourenço, subjuga-lo, apontar-lhe a arma ao peito, foi obra de um momento.

— E agora, meu branco, quem é o cobarde?

— Não me mates, direi tudo, balbuciou Lourenço.

— Vamos.

— Luiza foi raptada por minha ordem, está em casa da velha Martha; mas... por tudo que tens de mais caro, não me deshonres. Occulta o meu crime.

Domingos largou o malvado, sem lhe responder, montou a cavallo, e partiu a galope.

— Mais um para o diabo, disse Lourenço vendo afastar o preto.

As scenas que vão seguir-se, talvez pareçam tão inverosímis aos olhos do leitor, que receio escrevê-las. A par dessa timidez accresce a repugnancia que tenho, em avivar as recordações de um passado em que tomei parte, graças a um dos meus mais notaveis defeitos, a curiosidade!

Propuz-me porém a dar um rapido esboço desses acontecimentos, envoltos ainda nas dobras do mysterio, e se o não fizesse, faltaria ao meu compromisso, commettendo um crime de *lesa litteratura*, pois que acabava por onde devia começar.

Para prevenir pois o leitor incredulo, dir-lhe-hei que devem existir nos archivos do então *Juiz de Direito* de L... os autos de uns certos crimes de rapto e estupro, os quaes deram thema para seis longos mezes de repetidas conjuncturas. Um pequeno resto de melindre me impede de dar circumstanciadamente a narração dessa historia, e da impressão que causou em dez leguas de circumferencia.

Serei extremamente agradecido ao acaso, que permitir a leitura do meu obscuro trabalho entre aquelles, que acompanharam esse processo, como partes interessadas, e por mera curiosidade.

Existirão elles?

Ha perto de onze annos que se passaram esses acontecimentos. Lembro-me de tudo, como se tivessem hontem succedido.

E' recordar a minha infancia, e as pessoas que me são caras.

A victima apparece-me, como a vi em uma festa de igreja, pallida, tremula, e melancolica, como se advinhasse que a morte viria reclamar; algum tempo depois, o pouco de vida que havia nesse corpo, o qual fôra animado e brilhante, como são animadas e brilhantes as flôres nos mais bellos dias da primavera. Foi um dos melhores ornamentos da sociedade aristocratica de então, mas a fatalidade viria pesar sobre a sua magestosa fronte imprimindo-lhe o sello da dôr e do soffrimento que punge!.. Pobre menina! Morreste tão moça... porém o tumulo que encerra os teus restos mortaes, atesta o quanto foste e és chorada.

A corôa do martyrio foi pesada de mais para ti, mas Deos compensou lá no céo o muito que soffreste sobre a terra! Além do tributo solemne que te paguei na campa, deixa-me pagar-te outro não menos solemne, porque a saudade de tí, que eras tão boa, imprime-me um caracter que não teve o de outr'ora. A idade completou-o, e agora mesmo, agora que não posso recusar-t'ô, derramo uma lagrima tão sentida, como aquellas que derramei após algumas horas do teu passamento...

Lourenço não era homem que succumbisse de prompto. O resultado de seu encontro com Domingos deixára-o perplexo, mas os seus antigos odios revelaram-se no afan, com que procurou recuperar o tempo perdido.

Sabe o leitor, que o preto respondera a um signal dado ao longe, porém ignora que esse signal partira do criado de Lourenço.

No momento, em que este montava a cavallo, appareceu aquelle. Vamos, disse o primeiro, sem entrar em minuciosidades.

E partiram a galope.

Lourenço pôz uma pistola ao alcance de sua mão direita.

Não recuára alguns minutos de precedencia ante um assassinato, havia de recuar agora?

Seria desmentir e desprezar seus naturaes instinctos. Elle ia á casa da velha Martha, satanaz parecia inspira-lo. Domingos não tinha chegado, e quando dissermos a razão porque, ver-se-ha que a fatalidade pesava desde muito sobre Luiza. Martha fiava á porta de sua miseravel habitação. Viu Lourenço apear-se proximo della, e estremeceu. Adivinhava que ia ser testemunha de uma dessas scenas, que parecem ser obra do demonio; mas a infeliz não podia desobedecer: Lourenço nascêra para o crime, e com elle ennobrecia alguns desgraçados!

Não ha mocidade, disse o malvado com um

sorriso odioso. Bom dia Martha... Onde está Luiza?...

— Dorme, como devem dormir os anjos.

— Está romantica hoje; felizmente que isso passa em poucos momentos... Vamos, quero falar com Luiza...

— Mas, senhor, a pobre menina não dormiu esta noite, e, ha pouco, acabrunhada pelas emoções porque passou, adormeceu sobre a cadeira!

— Mulher, respondeu Lourenço com revoltante cynismo... que surpresa lhe preparei!

Martha curvou a cabeça e entrou para o interior da casa. Voltou dizendo que Luiza estava acordada.

— João, disse o malvado, procura o poeta, pois elle deve estar por perto; necessito dos seus serviços.

— O criado partiu sem responder. Lourenço entrou com o sorriso nos labios.

A luta do Leão com o Cordeiro ia começar...

(Continúa.)

Incendio de Macáu.

(Continuado do n. 24.)

A uma voz todos asseveravam, que os marinheiros francezes pela coragem illimitada que costumam mostrar nestas occasiões, que era incontestavelmente a elles que a nossa colonia deve o não estar toda inteira um montão de ruinas fumegantes.

O incendio durou toda a noite do dia 4 até a do dia 5: noite assustadora em que, quando apenas se contemplava o luar sinistro das chammas e os gritos de toda a população reduzida a mais completa miseria, milhares de ladrões armados faziam gelar de medo os corações dos mais corajosos.

Emfim, na noite do dia 5 que a devastação parecia estar inteiramente acabada e que os salteadores, que tinham chegado de vespera destinados a pilhagem, lançaram fogo a um grande circo exclusivamente habitado pelos barqueiros chinezes do porto interior; centenaes de casas que ahi se achavam grupadas, construidas unicamente, de madeira e colmo, tornaram-se em poucos momentos presa das chammas, porém aqui a perda material foi pequena em comparação das victimas que temos a lamentar, o circo não tinha em toda a sua circumferencia, senão uma porta e esta estava fechada a chave. Ao primeiro grito de alarma, que se ouviu, todos os moradores se precipitaram para a porta, afim de se salvarem, porém, antes que a porta se arrombasse, grande numero de individuos foram apanhados e devorados pelas chammas, e outros foram suffocados e esmagados aos pés da multidão: appareceram

quarenta e cinco cadaveres deste ultimo incidente. Os ladrões tinham, sem duvida, calculado, que favorecidos pela desordem que causasse este inexperado incendio, elles poderiam mais facilmente pôr em pratica a sua obra lançando assim o fogo em um quarteirão, que com numerosos esforços se tinha acabado de salvar. Felizmente, não aconteceu assim; porque as tropas portuguezas chegaram a proposito de os apanharem em flagrante delicto, malogrando assim esse plano de expolio.

Avaluam-se em 2,800:000\$ as perdas causadas pelo incendio, da cidade chinesa e talvez fosse tres ou quatro vezes maior se a cidade Europêa tivesse tido a mesma sorte. Agora, que tempo e de que fadiga não é necessario para reparar um tão grande desastre? Entretanto como ha desastres de que resultam utilidades, este incendio foi causa de que se podem aproveitar as autoridades para fazerem observar na reconstrucção da cidade, as leis de salubridade que pede o calor do clima, a agglomeração dos habitantes e a malapropriação inherente aos costumes chinezes.

Rio de Janeiro Julho de 1856.

TRADUÇÃO DE FRANCISCO COELHO MARTINS DA COSTA.

Meditação.

DO MEU AMIGO J. S. DE OLIVEIRA.

Das antigas baterias da altiça santa Cruz, acabava de sahir ligeira fuzilação e após instantes ouvia-se uma estrondosa detonação, cujo echo repercutira pelos reconcavos das empinadas montanhas, e soberbos gigantes de granito, que cercam e embellezam a formosa Guanabara!....

Era um tiro de peça que annunciava aos habitantes do Rio de Janeiro, serem oito horas da noite!... Hora aprazível e delectavel para todo o vivente!....

Para o poeta, que, socegado em seu retiro, solta mimosas endechas de seu alaude peregrino.

Para o joven namorado, que valendo-se das sombras da noite, aproveita muita vezes o ensejo e aperta a nivia mão da bella de seus amores, e nesta ocasião avistando todos (sem que ninguem o veja) lhe deixa ficar na mão um pequeno escriptinho, muito bem dobrado, contendo (já se sabe) uma declaração, ou um protesto de amor e fidelidade.

Para o dilettanti, que sentado em uma cadeira do Theatro lyrico ou dramatico, espera ancioso que appareça em scena a dama da moda, para lhe enviar o seu lindo boquet, ou, ao menos, uma roda de palmas e bravos.

Para a jovem de deseseis annos, que sentada

em sua alcova, tendo a porta bem fechada, abre a gavetinha de seu tocador ou a caixinha da costura, e tirando d'alli uma linda carteira que abre, se lhe apresentam aos olhos immensas cartinhas de namoro, as quaes ella vai juntar á que naquella dia recebeu, e depois pegando na sua delicada penna traça algumas linhas em uma folhasinha de papel bordado, e depois de a ter fechado, e derramado sobre ella algumas gotas de patchoulyt, a deposita em seu virgínio seio até que a possa entregar a sua constante medianeira.

Para as velhas de cincoenta annos que recostadas em uma poltrona de balanço, contam ás jovens inexperatas os seus antigos amores, ao passo que lhes invejam do fundo d'alma o bri ho virginal de suas feições.

E' emfim a hora mais propicia para todos, pois não é involvida em constante barulho, nem em profundo silencio.

E' para todos agradável, menos para mim ! !...

Em quanto os outros se divertem no baile, no Theatro, no passeio, na orgia ou em qualquer lugar que seja, eu mergulhado em profunda melancolia solto doloridos ais, a que só o espaço me responde !... Meus suspiros são devorados pela brisa, e não podem transpôr o espaço que me separa daquella a quem adoro ; daquella por quem vivo ; daquella emfim por quem quisera morrer !....

Mas tu, amigo, que sabes quanto soffro, vem mitigar minha dôr... Vem dizer-me que ella me ama, que só para mim é que vive !!! Ah ! vem, vem, ainda mesmo que seja uma illusão, quero antes viver illudido do que saber que sou por ella despresado !!!

Rio, 8 de Junho de 1856

A. J. DE CARVALHO LIMA.

POESIAS.

Tristes pensamentos.

Oh ! como é triste vêr fugir o mundo,
Quando sentimos despontar a vida !
Quando noss'alma, da paixão ferida,
Se abre aos encantos d'um primeiro amor !
Quando contamos inda desoito annos,
E que a ventura para nós começa,
Ver ante os olhos levantar-se a éça...
Que duro fado ! que cruenta dôr !

E eu sinto a morte que p'ra si me chama
Com voz tremenda, que minh'alma aterra...
Mortal doença, que meu peito encerra,
Meu corpo á campa sem parar conduz
Já me fugio do coração a esp'rança,
E então, partido pela dôr, minh'alma,
Só vê na vida do soffrer a palma,
D'immensas penas a pesada cruz !

* Morrer tão joven... no verdor da idade...
Deixar no mundo as afeições queridas...
Não mais gozar as emoções sentidas,
Na campa fria sempre se habitar...
Nem eu nascera, p'ra não vêr a vida,
Brilhar, qual brilha na fatal procella,
No espaço immenso, uma formosa estrella,
Que em breve foge, p'ra jamais voltar !...

Meus pais, coitados ! esperando em balde,
O filho ausente, que deixou o mundo,
Cedendo a força do pezar profundo,
Em pouco tempo morreram de dôr...
Mas a mulher, que com ardor eu amo,
Talvez não sinta a prematura morte,
Que nos separa, e não accuse a sorte,
De ter desfeito nosso occulto amor !

Talvez não chore... e se é verdade que ella
Seu amor olvidou... meu Deos ! matai-me ;
Os dias, que hei viver prestes cortai-me...
Que o mundo, gozos já não tem p'ra mim !
Meu Deos ! levai-me desta vida infausta,
Porque os deleites, que eu sonhei outr'ora,
Só lá nos céos de perennal aurora,
Hei de mais puros encontrar por fim !...

Rio 8 de novembro de 1855.

E. A. B. RIBEIRO.

Sempre ella !

Já chorei, e secco o pranto
Quiz tanger alegre canto
Que recordasse o passado ;
Ai ! não pude, rouca a lyra
Nada canta, só m'inspira
Triste canto magoado.

Peregrino sem esperança
Por longo tempo a bonança
Resignado esperei ;
Só vi trevas, doce amor
Traduzido em acre dôr,
E triste que tempo orei !

Eu chamava essa donzella
Que outr'ora, qual estrella
Pela terra me guion ;
Com a fronte altiva e nobre
Estendendo a mão ao pobre...
Infeliz que tanto amou !

Eu a vi inda na infancia
Qual flôr com a fragancia
Pelos prados a espargir ;
Sorri-me, parecia um anjo
Do Senhor o meu archanjo
A cuidar no meu porvir.

Eu a via n'essa idade
Em que vem a saudade
O passado recordar ;
Essa idade consagrada
Aos brinquedos pranteada
Para n'unca mais voltar.

Eu a via sempre bella
Innocente tão singella
Escutando rogos meus ;
Via em pranto debulhada,
Comigo tempo abraçada
A dizer-me adeos—adeos !

Era joven, não pensava
Que minha vida ficava
Na terra do meu nascer...
Tive crueis desenganos,
Passaram mezes e annos
Mas n'unca a pude esquecer.

Esquecel-a ? ! mister fôra
Arrancal-a d'onde mora
Onde sempre hada existir ;
Esquecel-a ? ! ai ! não podia
Sua imagem reflectia
No presente, e no porvir.

Seu nome que trago escripto
No fundo do coração,
E que tem dado ao proscripto
Terna e doce inspiração ;
E ella q'inda uma esp'rança
Me faz acariciar.
Por ella, q'inda a bonança
Deve contente aguardar.

Rio, 2 de Junho de 1856.

A. XAVIER ROERIGUES PINTO.

Melancolia.

E' triste a vida que na terra passo
Longe da patria que me viu nascer !
Vinte e cinco annos se passaram prestes,
E a terça parte n'um mortal soffrer!

Nenhuma esp'rança me acalenta mais,
Já a descrença se apossou de mim !
Inda espero maiores soffrimentos
Sem vêr a patria morrerêi emfim?

Inda tão joven já descrêr da sorte,
Morrer sem ver-te, cara patria, não ;
Não, qu'em teu seio dás abrigo áquelle
Que meu Pai chamo a só consolação,

Que hoje me resta para sustentaculo
Da triste senda que pisando vou?
Prazer, ventura, felicidade, tudo
Oh sim gozei mas cedo se acabou !

Oh minha patria ; quando me recordo
Dos bellos dias que passei contigo,
E do Mondego as aguas crystalinas...
Só no chorar alivio á dôr consigo.

Aquelles campos vecejantes sempre,
Que nem a vista lhe destingue o fim,
Vê-se a risonha patria das sciencias
Qual bella dama em noute de festim.

Que de folguedos és consentidora,
Amavel terra, terra do prazer ?
Teus habitantes nunca conheceram
O que é tristeza ou mesmo o que é soffrer !

Quanto gozei ó Deos, quanto hei soffrido !
E quem será culpado ? senão eu !
Menos cabeí os rogos d'uma Mã
Na hora extrema... privando um querer seu !

Quando esses rogos d'essa Mã querida
Erão tão moço a patria não deixar
Deixei meus Pais a patria, oh deixei tudo
Pela oppressão que vim aqui buscar.

Fôra melhor que a vida me fugisse,
Pois que infeliz tornou-se-me o existir !
Tudo são trevas, nem se quer diviso
No meu futuro o minimo sorrir.

Mas não, a vida, a vida ainda a quero
Prazêr a patria que me viu nascer...
Beijar meu Pai na fronte envelhecida...
Que inporta o resto? posso então morrer.

RIBEIRO.

Minha Mãi.

Na invicta cidade saudoso apertara
O peito arquejantes de meus ternos pais,
A benção me deram banhados em lagrimas
Me vendo tambem suffocados com ais.

Cuidava com fé que depressa viria
A patria adorada venturas gozar,
Que dôce existencia na vida se passa
Com fé no futuro contente a esperar !...

Mas que desventura devia chegar-me
Neste mundo extranho, proscripto a vagar...
Perdi minha Mãi carinhosa, na patria,
Sem que minha Mãi eu podesse abraçar.

Agora se eu fôr algum dia p'ra terra,
Que mil pensamentos por ella terei !
Na lousa cinzenta que guarda seus restos
A Deos piedoso por ella orarei.

No chão de joelhos com mãos encrusadas
Amente elevando submisso até Deos
Com prantos e rezas do peito nascidas
A Deos pedirei qu'ella esteja nos céos.
Agosto 1 de 1856

J. J. BARBOZA DE CASTRO.

VARIÉDADE.**O CAIXEIRO.**

O' vós, que celebraes em prosa e verso envenenadores, piratas, contrabandistas, politicos e pelutiqueiros, emmudecei, que eu vou fallar-vos do caixeiro.

O caixeiro é o ente mais importante que se conhece, deixando mesmo de parte essa utilidade, que, por tão conhecida, dispensa commentarios.

Se vos disserem que o medico e o confessor são os que melhor conhecem as baldas humanas, enganam-vos. E' o caixeiro.

Quereis saber, se um capitalista tem fundos, se um ministro ou alta funcionario desempenha bem suas funções, ou se qualquer honrado negociante empenha ao jogo as joias da mulher ?

Perguntae-o ao caixeiro, que elle vol-o-dirá. quereis saber, se *fulaninha* já entregou seu coração ? Não o pergunteis á mãe, á irmã, á amiga, a ella mesma, que talvez o não saibam. Perguntai-o ao caixeiro mais proximo, e sereis satisfeitos.

E' porque o caixeiro é como diabo, acha-se em toda a parte. Acha-se logo ao nascimento, com os morins e baetilhas debaixo do braço, no

baptisado, no casamento e emfim na morte, indagando já quem será o herdeiro.

Elle entra nos conventos de frades ; introduz-se nos das freiras; vai aos quartéis e calabouços e penetra até a sala de custura da mais recatada familia.

O caixeiro sabe de todos, tanto quanto sabe cada qual de si mesmo, ou ainda mais, porque elle conversa com a mucama e com o moleque, testemunha de todos os nossos actos, dos quaes se alguns nos esquecem, a elles não.

O caixeiro é uma especie de alviçareiro, elle nos felicita por nossas heranças, por nossas honras sociaes e triumphos amatorios. E' tambem um desmancha prazeres, que no meio dos banquetes vem com o seu : « Meu amo manda saber se paga ou não aquella continha ».

O caixeiro aperta a mão do senador, principalmente quando este se desculpa que não tem dinheiro, e colhe sorrisos das mais bellas damas nos dias de procissão, quando lhes offerece cadeira, ou traz o copo com agua.

O caixeiro é um novo Tantaló, recebe, dá, conta e mexe com dinheiro, mas anda sempre *onçado*.

O caixeiro é mais do que principe, é rei e imperador... nos bailes mascarados.

Os sonhos de ouro do caixeiro são, a sorte grande, o fechamento das portas, uma conversa *léte à léte* com a modista que tem de olho, e d' algum mais ambicioso o casamento e a *sociedade*.

O caixeiro descrê dos céos e do amor ; mas entra no *Paraiso* e dobra o joelho diante de qualquer *dama das ilhas* que lá encontra.

O caixeiro é feliz quando tem a roupa do corpo e tem outra para mudar, dez tostões e dous charutos no bolço, e sabe que no domingo vae, passear. E' infeliz quando recebe uma nota falsa, ou sabe que o patrão lhe reserva massada para o domingo.

Alivraria do caixeiro é o almanak, o Jornal do Commercio, alguns livros de poesias e jornaes litterarios, porque estão cheios de letras, se for socio de algum gabinete tambem lê P. de Kock.

O caixeiro é maldisente, inimigo dos padres, mas caritativo, franco, jovial e patriota.

O caixeiro ou fica amo e torna-se pacato e barbigudo, ou é sempre caixeiro e morre tísico no corpo e na bolça.

Este meu caixeiro tirei-o do geral dos caixeiros.

Agora os mil e um escriptores que por ali formigam que pintem o caixeiro de botequim, de venda, etc. e terão que dizer. L.